

QUASE
BRUXA



RAFAELLA MARQUES

QUASE

BRUXA

ELEITA PELA MAGIA

LIVRO 1

plus+
editora

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021

Copyright © Rafaella Marques, 2012

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Giovanna Vaccaro

PRODUÇÃO EDITORIAL
Jadna Alana

PREPARAÇÃO
Raquel Escobar

REVISÃO
Jadna Alana

CAPA
Henrique Morais

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Marques, Rafaella

Quase bruxa / Rafaella Marques. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2021

ISBN: 978-65-87068-64-0

1. Ficção brasileira 2. Fantasia. Título

CDD: 869.3



São Paulo

Avenida Paulista, 326,

cj 84 - Bela Vista

São Paulo | SP – 01.310-902

www.editoracoerencia.com.br

*Olho por todo o meu passado e vejo
Que fui quem foi aquilo em torno meu,
Salvo o que o vago e incógnito desejo
De ser eu mesmo de meu ser me deu.*

Fernando Pessoa



I

PRIMEIRA SEMANA DE AULA

A minha primeira semana de aula foi estranhamente legal. Não que eu tivesse amado o que aconteceu, não, de jeito nenhum. Ok, vou contar do início. Meu nome é Luna Lee Collins, e eu nasci em uma pequena cidade do estado de Montana, nos Estados Unidos.

— Luna, você já separou todos os livros do colégio? — gritou minha mãe, Andrea, da cozinha.

Ela sempre foi uma pessoa carinhosa e compreensiva, mas insistente. Uma mulher bonita, morena, baixa, com cabelos curtos e repuxados.

— Sim, mãe — respondi.

Eu estava no quarto navegando na internet.

— E já colocou o nome no caderno?

— Já.

— Arrumou a bolsa?

— Sim.

Revirei os olhos e sorri.

— Pegou seu uniforme?

Então percebi uma verdade inevitável: se não fosse até lá, ela continuaria a fazer essas perguntas até se cansar, e eu não sabia quando isso podia acontecer.

– Mãe, peguei, sim, e já fiz um montão de outras coisas. Pode ficar tranquila, está tudo pronto – falei, entrando na cozinha.

– Filha, só estou preocupada – justificou.

– Vai dar tudo certo, mãe. O que pode ser tão difícil?

– É que me lembro de quando entrei no segundo ano do Ensino Médio. Foi um dos anos letivos mais difíceis na minha vida – falou, deixando de lado o pano que estava usando para secar os pratos, dando-me um beijo.

Minha mãe era a própria personificação da calma e do amor, e eu adorava isso nela. Às vezes, ela era rígida, é claro, mas isso faz parte.

Voltei para o computador. No momento, estava jogando um RPG de simulação do mundo real. A maioria dos integrantes do jogo não tinha uma moradia virtual muito interessante. O problema era que, para ter uma casa legal, era necessário comprar móveis e, é claro, eles eram comprados por um tipo de dinheiro virtual. Esse dinheiro, você já deve ter sacado, era comprado com dinheiro de verdade. Muita gente não se dava ao trabalho de comprá-lo, mas eu, sim. Adquiri móveis e, bom, minha casa era bem bacana.

Felizmente, as pessoas também podiam trocar itens entre si. Enquanto os integrantes digitavam, aparecia um típico balãozinho de fala sobre a cabeça deles e, depois que apertavam para enviar, o texto aparecia para que todos pudessem ler, e é assim que a comunicação se dava entre os jogadores.

Nesse dia, resolvi que precisava de uma geladeira. Quando colocava uma coisa na cabeça, digamos que não era uma tarefa fácil tirá-la de lá. Então, convidei jogadores para a minha propriedade, colocando um anúncio em letras garrafais com os dizeres `COMPRO GELADEIRA`.

Infelizmente, ninguém compareceu à minha fracassada tentativa de levar o item por um preço muito abaixo do mercado. Espere aí, eu disse que não veio ninguém? Na verdade, uma garota apareceu, a única que se interessou por meu anúncio, mas sua intenção não era me vender uma geladeira. O seu avatar era todo branco, numa tonalidade de pele esquisita, do tipo *bizarramente* branco. *Hello*, ninguém escolhia aquele tom.

A personagem não tinha cabelos e estava descalça, vestindo uma blusa e uma saia, ambas também brancas. Parecia ser uma figura sinistra, mas não dei importância, já que no mundo tem gosto para tudo. Ela entrou, chegando perto de mim, e vi o balãozinho surgir acima de sua cabeça. Imaginei que fosse escrever algo como: *Oi, eu tenho uma geladeira. Você tá interessada?* Mas não.

Quando ela enviou, a única coisa que disse foi: *Oito dias*. No começo, não entendi bem, mas achei melhor ficar sem entender. Senti um arrepio quando ela disse aquilo e fiquei com medo de ler o resto. Seja lá o que fosse, não me interessaria. Expulsei-a da minha habitação virtual.

Depois de tê-la mandado embora, notei que não havia nenhum balãozinho sobre a cabeça dela, o que indicava que não tinha digitado mais nada. Que estranho. Afinal, por que alguém chegaria em um lugar assim, diria “oito dias” e depois não falaria mais nada? Não fazia o menor sentido. Foi aí que pensei: *Poxa, é mais uma brincadeira irritante que as pessoas fazem*.

Era óbvio que não havia como prever o futuro, logo, era impossível que ela soubesse o que aconteceria em oito dias. Apesar de ter ficado assustada, eu a ignorei. Depois de ter tomado um susto assim, fiquei cansada demais para mexer no computador.

Desliguei.

Fui até a cozinha, vendo que estava tudo normal. Minha mãe ainda secava os pratos, e meu pai, Welliton, ainda não

havia chegado. Ele era um homem alto, tinha a pele branca e os cabelos castanhos — herdei somente o tom de pele e o cabelo. Quando o assunto era altura, eu não era lá essas coisas; na verdade, tinha uma estatura mediana para a minha idade. Olhei para o relógio, eram 17h30. Meu pai fechava a farmácia que possuía apenas às 18h00, ou seja, já estava prestes a chegar em casa.

Minha irmã, Ashley, ainda devia estar dormindo no quarto dela. Ashley era mais nova, tinha dez anos, enquanto eu, dezesseis. Diferente de mim, era alta para sua idade, tinha a pele mais clara que a minha, os olhos também pretos. As aulas dela, assim como as minhas, começariam amanhã. Esse ano a gente ia estudar no mesmo colégio — ah, que saco! —, mas felizmente ela no ensino elementar, e eu, no secundário; isso queria dizer que ela estudaria pela manhã e eu no turno da tarde — pelo menos os horários divergiam.

Fui até o quintal para tomar um ar fresco, mas, ao abrir a porta para a área de serviço, tive uma surpresa um tanto desagradável. Algum animal pequeno e rastejante entrou rapidamente em minha casa, e, ao ver aquele vulto, levei um susto e gritei.

— O que aconteceu, minha filha?

Surpresa, minha mãe deixou cair um prato na pia. Só então percebi. Havia feito o maior alvoroço por causa de uma lagartixa que se esgueirou para debaixo do fogão.

— Hã... Foi mal, mãe.

— Ah, não, Luna. Agora você vai ter de me contar. — Fingi que não ouvi. Silêncio total. — Agora! — bradou minha mãe.
— O que aconteceu?

— Foi uma lagartixa — murmurei, envergonhada.

— Fez esse escândalo todo por causa de uma lagartixa? — Ela soou incrédula.

— Eu tomei um susto, só isso. Sabe, não esperava que algum animal rastejante passasse da área de serviços para cá. Olha ela ali! — E aponte para a criaturazinha que tinha colocado a pequena cabeça para fora do fogão. Minha mãe se deixou levar por uma onda de risadas. — O que foi? — perguntei, sem entender nada.

Nunca vi minha mãe rir tanto assim e, por um momento, não a reconheci.

— Foi a Goiabada.

E riu mais.

— Goiabada? — questionei, confusa.

— Sim, aquela lagartixinha ali. O nome dela é Goiabada.

— Deu um nome para a lagartixa?

Ergui as sobrancelhas.

— Qual é o problema? Ela mora aqui.

— Ela *mora* aqui? — repeti, franzindo o cenho.

— Sim, na cozinha. Há algum tempo, entrou aqui e vive em nossa casa até hoje. Você nunca a viu? — indagou ela, como se fosse a coisa mais natural do mundo criar uma lagartixa de estimação em sua cozinha.

— Mãe, é uma lagartixa, não um cachorro — resmunguei.

— Eu sei, mas um dia a vi olhando para mim com uma carinha tão lindinha... Eu estava comendo goiabada, então coloquei esse nome nela.

Eu estava boquiaberta, não sabia nem o que responder. Fala sério, ela disse que *aquilo* era lindinha? Em que mundo eu estava? Não era possível que aquela palavra tivesse saído da boca dela. Dá para acreditar? Ela estava falando com um bicho. Tudo bem que minha mãe aparecia com umas loucuras de tempos em tempos, mas aquilo era demais até para ela.

– Mãe, acorda! Esse negócio nem cérebro deve ter.

– Você fala como se não estivesse no Ensino Médio.

– Tá, mãe, ela pode até ter cérebro. Que seja. Mas não pensa! Será que você não entende isso? Pode deixar. Vou matá-la pra você.

– Não. Se você fizer alguma coisa com ela, vai ficar sem mesada por um mês!

Já ouvi histórias sobre pessoas que mudam de humor repentinamente, mas nunca vi assim tão de perto. Minha mãe ficou me olhando com uma cara bem séria.

– Certo. – Abaixei a voz. – Pode ficar aí com sua lagartixa.

Fui para meu quarto. Estava com raiva de Goiabada.

Quando meu pai chegou, não fui jantar, apenas fiquei em meu quarto até pegar no sono.

Tudo bem, talvez tivesse feito uma birra completamente imatura e desnecessária, mas estava irritada demais para me importar com isso, então apenas fechei os olhos e adormeci.



Ao me levantar na manhã seguinte, tomei um delicioso banho, penteei os cabelos castanho-claros lisos, que caíam um pouco abaixo dos ombros, escovei os dentes e tomei café.

– Mãe, vou na casa de Sylvia – anunciei.

Ela assentiu. Sylvia era minha melhor amiga e estudava no mesmo colégio que eu, porém ela iria para o terceiro ano e eu para o segundo. Ela tinha adoráveis cachos loiros e parecia uma garotinha. Logo cheguei à casa dela.

– Oi, Luna. Você sumiu as férias inteiras! – acusou, sorrindo e me abraçando.

– É que viajei – justifiquei. – Mas e você?

– Também. Pra onde você foi?

– Orlando. E você?

– Washington. Eu preciso pôr tudo em dia. As pessoas lá eram tão amigáveis e bonitas. – Ela soltou sua risada peculiar de sempre. – Mas tinha um cara esquisito que parecia estar sempre com raiva e estava hospedado ao lado do meu quarto no hotel. Eu sempre encontrava com ele, o que era terrivelmente chato. Teve um dia...

Eu sabia que ela ia tagarelar até contar cada detalhe de sua viagem, inclusive a cor dos sapatos que o cara estranho estava usando, mas não prestei muita atenção.

Na verdade, minha cabeça estava em outra coisa: no episódio de ontem, no computador. O que será que a garota sinistra quis dizer com “oito dias”? Minha mente logo começou a divagar, e me perguntei se seriam oito dias contando com ontem – o que culminaria no próximo domingo – ou não – o que equivaleria ao sábado. Que significado teria aquele prazo? Até agora eu me remoía para descobrir.

– Lu, tudo bem? – Pude escutar de forma distante, mas ainda não havia prestado atenção. Às vezes, meu cérebro ficava como se estivesse em algum tipo de modo de processamento.

– Lu. Luna!

Até que ela chacoalhou meu ombro.

– Hã? Sim?

– Tudo bem? – inquiriu.

– Claro, claro.

– O que aconteceu? Não parece que tá prestando atenção.

– Desculpa, Sylvia.

– Onde tá com a cabeça? Parece que tá voando...

Olhei para ela. Considerei contar o que havia acontecido, mas o que pensaria? Com certeza diria que foi só uma brincadeira estúpida e que eu estava sendo paranoica, o que provavelmente era verdade. Mas eu tinha uma espécie de *sensação* esquisita quando me lembrava disso. E, apesar de Sylvia ser minha melhor amiga, algo me dizia que não devia contar aquilo a ninguém.

– Não é nada. Olha, deixa isso pra lá, ok? – declarei por fim.

– Tá, se você quer assim... Bem, e você? Como foi?

– Como foi o quê?

– A viagem, ora! Ainda não voltou?

– Voltei, sim, é que não tenho muita coisa pra contar – menti.

Eu estava cansada demais para esmiuçar a viagem em família que Ashley escolhera para me irritar de maneira descomunal.

– Fala, então, a pouca coisa.

– Bem, me diverti muito. A gente foi na Disney, mas eu tava com uma dor de cabeça muito forte, então não teve muita graça – encurtei a história.

– Você não deve ter ido lá apenas uma vez.

– Fui algumas outras – concordei. – A senhorita já foi lá também. Sabe exatamente quais foram as coisas que vi – argui, procurando sustentar minha mentira.

– Hum... – Parecia até que nutria algum interesse. Quando Sylvia falava isso, era porque queria ouvir mais. Só que não havia mais nada que eu quisesse contar, então comecei a relatar sobre coisas banais, pois sabia que ela odiava ouvir. – O que é isso? Menos, amiga. Menos! – ela interrompeu quando falei alguma coisa que nem eu mesma sabia o que era direito. – Só queria que você me dissesse as novidades. – Quando ela começava a falar assim, provavelmente havia perdido o tal interesse pelo assunto.

Depois, voltou a tagarelar um monte de coisas sobre Washington. Foi minha vez de querer mudar de assunto, não aguentava mais ouvir aquilo tudo:

– E então... Você está ansiosa pra começar as aulas?

– Eu? Fala sério – reclamou. – E você?

– Sim, sabe, senti falta de certas coisas – ponderei.

– E de suas adoráveis amigas – complementou sarcasticamente, referindo-se às garotas que estudavam na minha turma, que andavam comigo, já que tinham alguma espécie de rixa com ela.

Revirei os olhos para minha amiga. Em seguida, olhei para o relógio em meu braço. Eram 11h46.

– Preciso ir, Sylvia.

– Por quê? Fica mais um pouco.

– Não, preciso almoçar – expliquei.

– Almoça aqui.

– Não, obrigada. Eu vou me sentir melhor se almoçar lá.

– Tudo bem. Fazer o que com você, não é? – repreendeu-me.

Então eu ri.

– Bem, tchau, a gente se vê na pracinha – despedi-me.

Voltei para casa e olhei no relógio: 11h58. *Pelo menos cheguei a tempo*, pensei. Lavei as mãos e fui para a cozinha almoçar, encontrando Goiabada lá. Nossa, que coisa trágica! Porque, sinceramente, ter uma lagartixa morando com você era estranho. Bem, mas havia coisas mais importantes para pensar no momento, tipo o que teria para o almoço ou como seriam as minhas primeiras aulas.

Naquele dia, almocei panquecas. Ao terminar, fui tomar banho e escovar os dentes. Peguei minha mochila e gritei um “até logo” para a minha mãe.

Andei a caminho da escola, mas não sem antes parar na pracinha para encontrar Sylvia. Iríamos juntas para o colégio, como fazíamos todos os dias desde os treze anos. Fomos conversando e rindo, dando palpites hilários de como seriam os novos alunos e professores.

Ao chegarmos lá, descobri que estes eram os mesmos, com exceção de um, o de Matemática. Seu nome era Richard. Ele parecia ser legal e tudo o mais.

A semana passou voando e logo era sexta-feira. Lá estava eu, tranquila e feliz, sem imaginar o que me aconteceria de tão extraordinário e ao mesmo tempo bizarro no domingo.